

**CONTRIBUIÇÕES/REFLEXOS DA DOCÊNCIA EM ARTE/ARTES VISUAIS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**CONTRIBUTIONS/REFLECTIONS OF TEACHING ART/VISUAL ARTS IN THE EARLY YEARS OF PRIMARY SCHOOL**

**CONTRIBUCIONES/REFLEXIONES SOBRE LA ENSEÑANZA DE LAS ARTES PLÁSTICAS/VISUALES EN LOS PRIMEROS AÑOS DE LA ESCUELA PRIMARIA**

*Cicera Simone de Alencar Oliveira*

*sim.crato@gmail.com*

Mestranda pelo Programa de Mestrado Profissional em Artes-URCA  
Universidade Regional do Cariri

**RESUMO**

O texto que ora se desenha tem como objetivo principal relacionar a vivência na disciplina Experiência Artística e a prática do Ensino de Arte – abordagens metodológicas, ministrada pelas professoras Dra. Sislândia Maria Ferreira Brito e Dra. Andreia Aparecida Paris à minha pesquisa/construção enquanto artista professora pesquisadora em Artes pelo programa de Mestrado Profissional em Artes (ProfArtes) da Universidade Regional do Cariri-URCA. Tem como pano de fundo a questão-problema que permeia a minha investigação de pesquisa nesse momento: Como a disciplina mencionada contribuiu para que eu, enquanto professora com formação em Pedagogia, aprenda e ensine Arte/Artes Visuais nos anos iniciais do ensino fundamental? Encontra na A/r/tografia sua base de fundamentação metodológica, de modo a refletir e descrever o processo de ensino, aprendizagem e criação em artes por meio do texto imagético e verbal. No seu estágio inicial, apontamos como resultados a importância da disciplina nesse processo de construção enquanto artista professora pesquisadora em Arte.

**Palavras-chave:** Reflexões. Docência. Arte/Artes Visuais. Anos iniciais.

## ABSTRACT

The main objective of this text is to relate my experience in the subject Artistic Experience and the Practice of Art Teaching - Methodological Approaches, taught by professors Dr. Sislândia Maria Ferreira Brito and Dr. Andreia Aparecida Paris, to my research/construction as an artist and researcher teacher in the Arts through the Professional Master's Degree program in Arts (ProfArtes) at the Universidade Regional do Cariri-URCA. It has as its backdrop the question-problem that permeates my research investigation: How do I, as a teacher with a degree in Pedagogy, learn and teach Art/Visual Arts in the early years of elementary school, more precisely in 5th grade? It finds its methodological basis in A/r/tography, in order to reflect on and describe the process of teaching, learning and creating art through imagery and verbal text. The results show the importance of the discipline in this process of construction as an artist-teacher-researcher in Art.

**Keywords:** Reflections. Teaching. Art/Visual Arts. Early Years

## RESUMEN

El objetivo principal de este texto es relacionar mi experiencia en la asignatura Experiencia Artística y Práctica de la Enseñanza del Arte - Enfoques Metodológicos, impartida por las profesoras Dra. Sislândia Maria Ferreira Brito y Dra. Andreia Aparecida Paris, con mi investigación/construcción como artista e investigadora docente en Artes a través del programa de Maestría Profesional en Artes (ProfArtes) de la Universidade Regional do Cariri-URCA. Tiene como telón de fondo la pregunta-problema que permea mi indagación investigativa en este momento: ¿Cómo me ha contribuido la disciplina mencionada, como maestra licenciada en Pedagogía, a aprender y enseñar Arte/Artes Visuales en los primeros años de la escuela primaria? Encuentra su base metodológica en la A/r/tografía, para reflexionar y describir el proceso de enseñanza, aprendizaje y creación del arte a través de la imaginaria y el texto verbal. En su etapa inicial, los resultados muestran la importancia de la disciplina en este proceso de construcción como artista-profesor-investigador en Arte.

**Palabras clave:** Reflexiones. Enseñanza. Arte/Artes Visuales. Primeros años.

## INTRODUÇÃO

Ser uma estudante pedagoga de formação ingressando em um mestrado profissional em Artes foi e continua sendo desafiador, muito embora eu sempre estivesse envolvida pela ideia de que as artes visuais exercem uma importância singular quando se fala na alfabetização estético artística infantil por inúmeras razões. Primeiro porque no decorrer da minha docência sempre fui instigada com o fato de ver na criança os seus olhos brilharem quando se deparam com imagens. Imagens das mais diversas formas, tanto aquelas que a elas eram por mim apresentadas quanto aquelas que elas lidam dia a dia fora da sala de aula, no trajeto de casa para a escola quanto as que a mídia se encarrega desse serviço de apresentação. Depois, porque também me vejo na necessidade, tal como aponta Lavelberg (2003) de aprender, conhecer arte, para que eu possa ensinar arte.

Nessa perspectiva, a autora supracitada, acrescidas de Mirian Celeste Martins (1998, 2021), Ferraz e Fusari, Ana Mae Barbosa (1998), Suzana Rangel Vieira da Cunha (2023) apresentam-se como as minhas principais referências no trilhar dessa travessia que atravessa e me atravessa de modo constante, desde a minha vivência na graduação em Pedagogia, fortificada com os estudos realizados no grupo de estudos e pesquisa GEPEA, também da Universidade Regional do Cariri, que tem como líder a professora Dra. Sislândia Maria Ferreira Brito.

Ingressar em curso de mestrado na área de Artes também inclui uma carga de questionamentos externos carregados de preconceito, uma vez que ela já se coloca diante da sociedade como uma área não-científica. Pois fazer arte, pesquisar nessa área tão rica de possibilidades de reflexões e descrições de fenômenos/produções é próprio, específico da arte sendo, portanto, uma tarefa singular que traz o sujeito da pesquisa para junto do objeto, conjugando elementos da sub e objetividade.

Nesse panorama, trago nesse relato apontamentos e reflexões acerca do que a disciplina “Experiência artística e a prática de ensino de Arte na escola”, ministrada pelas professoras Dra. Sislândia Maria Ferreira Brito e Dra. Andreia Aparecida Paris,

a qual pude dialogar com alguns autores e debater junto aos colegas da turma as temáticas e experiências propostas a cada encontro. Partindo desse lugar de fala, tento relacionar a minha experiência de vida a esse campo de reflexões e indagações por quais a arte perpassa meu ser.

Partindo desse pressuposto, convém questionar quem sou eu para então ir me descobrindo quem de fato sou.

## **METODOLOGIA**

Os passos seguidos para a realização dessa pesquisa tem como opção metodológica a abordagem qualitativa e a Pesquisa Educacional Baseada em Arte como tipo considerado adequado no processo de investigação, reportando-me a metodologia denominada *A/r/tografia*<sup>1</sup>, uma vez que busco relacionar imagens ao texto verbal/escrito que vou tecendo, compreendendo que a imagem visual não apenas como instrumento de coleta de dados, mas também enquanto dado, uma ideia através da qual vou traçando caminhos investigativos/descritivos/reflexivos. Desse modo, busco por meio da *a/r/tografia* “[...] um encontro constituído através de compreensões, experiências e representações artísticas e textuais” (Irwin, 2013, p. 28).

Parto, desse modo, em futuramente buscar aprender e ensinar Arte/Artes Visuais com a turma do 5º ano B – anos iniciais do ensino fundamental em uma escola de tempo integral localizada no município de Juazeiro do Norte-CE, esse trabalho inicial pretende relacionar os aprendizados adquiridos no decorrer na disciplina “Experiência artística e a prática de ensino de Arte na escola” com as minhas

---

<sup>1</sup> Metodologia de pesquisa entendida como um processo investigativo que busca entremear, interconectar qualquer forma artística ao texto escrito, de modo que uma seja ilustração da outra. (Irwin, 2006 apud Dias, 2013). Para esse trabalho, consideramos a conexão entre a imagem e o texto verbal.

indagações iniciais no percurso da minha trajetória enquanto licenciada em Pedagogia com docência no componente Arte.

Quanto aos instrumentos utilizados para a coleta dos dados, utilizaremos de realizados pela professora pesquisadora, o estudo bibliográfico, observação das apreensões de cada aula desenvolvida/mediada. Assim, as imagens, os planos de aula e tudo que impregnar de sentido o contexto da pesquisa servirá como coleta de dados.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### **Sobre falar a partir de mim: Tecendo significados por meio de contextos**

Sou Cicera Simone de Alencar Oliveira, artista professora pesquisadora. Também sou filha de Maria Sales de Oliveira e José Sales de Oliveira, irmã de 11 (onze): Silvanir, Silvana, Salviano, Fabiano, Rivanir, José Flávio, Clebiano, Josélio, Jardel, Joelma e Caio Leandro. Além disso, sou formada em História e Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri/URCA e especialista em Gestão Escolar pela mesma universidade, a qual também me encontro atualmente como mestranda. Sou pesquisadora no Grupo de Estudos e Pesquisa em Artes Visuais na educação infantil e ensino fundamental da URCA. E atualmente, mestranda pelo programa de Mestrado Profissional em Arte (ProfArtes) na mesma universidade.

Assim, vou trilhando meu caminho nessa ânsia por aprender arte e assim me construir enquanto artista professora pesquisadora, alguém que primeiramente enfrenta o preconceito por se interessar por uma área considerada por muitos fácil, o que revela pouca importância para a sociedade. Nessa busca, me reinvento a cada dia, buscando aproveitar e apreciar intensamente os momentos com os quais me encontro com arte no decorrer das disciplinas cursadas no primeiro semestre.

Uso o termo experiência para representar tudo aquilo que me atravessou nesse percurso, uma vez que é importante assinalar que é impossível trazer tudo que vivemos, tudo que passamos em um determinado evento, porém há aspectos, marcas que nos imprimem e que nos faz compreender, apreender aquilo que nos ocorreu em um determinado momento. “É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação. (BONDÍA, 2002, p. 25-26)”. Muitos acontecimentos permeiam a nossa vida, mas nem todos eles passam de fato por nós, ou seja, nem tudo o que nos acontecesse nos toca. Uma série de situações podem acontecer conosco sem que a percebamos de fato.

Nós, enquanto sujeitos da experiência é que podemos nos deixar transformar pelas coisas através das quais passamos por elas, ou melhor, que passam por nós, nos tocando, nos atravessando de modo a nos fazer sentir-se de fato transformados pelas implicações, sensações e emoções a que nos permitimos.

Assim, falar de experiência nos toca profundamente, principalmente quando pensamos na escrita de si. Me sinto profundamente afetada pela ideia de que não se trata simplesmente de escrever sobre si, mas a partir de si, pois parto de um aspecto da minha história de vida para tecer reflexões em torno de situações que me atravessam, colaborando para o meu processo de construção e reflexão não em torno de mim, mas com base naquilo que vou acreditando e defendendo. Murmurinhos da minha vida são “resgatados” nesse costurar de ideias que enlaçam e se entrelaçam no universo da pesquisa em arte.

Mas, antes disso, não mencionar a memória que me traz, nos meus encontros com arte, a educação básica é uma atitude de desaponto para comigo mesma, que me vi envolvida pela magia inerente dessa área de conhecimento.

Dessa maneira, uma questão interessante e fundamental suscita a minha memória quando sou atravessada por dois momentos que me encantam e me instigam até hoje o desejo de oportunizar os estudantes situações de aprendizagem

significativas em arte. Escola de Ensino Fundamental Estadual Estado da Paraíba. Me encontrava na 7ª série. A escola estava para comemorar o dia do estudante. Eu havia sido convidada para participar de uma apresentação. De dança, eu que nunca havia sido convidada para esse tipo de atividade, a não ser na 4ª série para ler uma poesia sobre a pátria brasileira. Meu coração estava bastante acelerado. Medo. Entretanto, desejo.

Desejo de viver, sentir como era aquilo que nunca me havia concedido o direito de participar. Quatro ensaios, apenas. Mas eu estava lá, radiante de alegria e ao mesmo tempo contagiada pelo nervosismo. A música era Coração de Estudante, composta e entoada por Milton Nascimento. Eu não entendia bem ao certo o significado da música nessa época, mas sempre que a escuto, a emoção por ter experienciado esse momento se intensifica cada vez mais.

Mas era como se eu tivesse me libertado de algo que estava preso, dentro do peito. E que, tal como se cava e arranca da terra o alimento que nos servirá de nutriente para nos manter vivos. Muitas vezes a escola trama, ainda que inconscientemente, essas situações aprisionantes, e a arte em suas mais diversificadas formas e linguagens tem o potencial de nos libertar. Carrego sempre comigo essa experiência, e cada vez que esse passado é pensado o é de um modo diferente, pois as nossas interpretações recebem a influência do contexto presente.

O encontro com a professora Ms. Ana Paula Moraes Santos Sousa, ao trazer a sua pesquisa que apresenta a escrita de si como metodologia de investigação foi de suma importância para pensarmos em uma escrita mais leve, autônoma, segura falando a partir de nós, trazendo textos e contextos, experiências referências de modo a dar sentido ao nosso caminhar docente.

Assim, a escrita de relatos autobiográficos dá aos indivíduos a possibilidade de articular, por meio das narrativas que produzem sobre si, as “experiências referências” pelas quais passaram, dotando a própria trajetória profissional de sentido. (Passegi, Souza e Vicentini, p. 378).

Dessa maneira, o pessoal se entrelaça ao profissional, trazendo reflexos da vida para o contexto da profissão, intercalando saberes, vivências e experiências que nos impulsionam ao exercício do ser profissional.

## **ENCONTROS COM A ARTE: DO REVOLVER A TERRA AO BROSTAR E FLORESCER**

Figura 1 - Cicera Simone de Alencar Oliveira. Sem-título, 2024. Fotografia. 6 x 10 cm.



Até chegar ao mestrado, eu acreditava que não se podia brotar dessa terra tão fértil novos modos de ver, apreender o que insiste em se ocultar, desvendando como quem “arranca” da terra aquilo que se prendia, não se permitia emergir, a brotar e florescer. Portanto, trago essa imagem que nos incita a pensar como a arte nos dar essa possibilidade de crescimento e florescimento, fazendo brotar o que muitas das vezes não somos capazes de acreditar ser possível ocorrer.



Vale ressaltar, contudo, que desenvolvimento desses novos modos de ver ocorre a partir daquele que cuida, que rega. Dessa maneira, vou, como artista professora pesquisadora, me desterrando das implicações que insistem esbarrar nesse volver a terra. Trago, desse modo, o meu pai, o “analfabeto”, o “iletrado” com importantes lições.

Desterrando, volvendo, limpando a terra, meu pai me ensina sobre o que podemos com aprender da experiência. Desterrando-se e reenterrando-se, o pequeno agricultor nos fala sobre um mundo permeado de aprendizados, sensações, emoções, onde descobertas, construções e reconstruções dão sentido ao nosso “existir”. Ele me faz entender que “[...] A razão pela qual necessitamos de arte e a criamos tem a ver com a sua capacidade de nos fazer sentir vivos e de descobrir o que não sabíamos que sabemos, ou o que vemos que não tínhamos nos dado conta antes, inclusive quando está presente frente a nós. [...]” (Hernández, 2013, p. 54).

Portanto, vou enterrando e desterrando aspectos da minha vida, buscando sentidos e significados. Na minha vida escolar enquanto estudante da educação básica, em muitos momentos, sentia uma enorme ausência no que diz respeito a aula de Arte. A ela sempre fora reservada o espaço para o desenho ou a continuidade de um conteúdo de uma “matéria” cujo tempo não fora suficiente para a sua conclusão. E eu me indagava a respeito daquilo que poderia vir a ser arte, mas sempre com a impressão de que escondiam algo eu poderia ser danoso para nós, alunos, a ideia de erva-daninha.

Nessa perspectiva, passar pela experiência na disciplina já mencionada traz alguns elementos que contribuem para o meu processo de formação, sendo que através dos textos lidos e debatidos, visitas a locais de fomento à arte/cultura, o nosso eu anterior já não é mais o mesmo e, por essa razão é anterior. Exemplo disso ocorre com a aula em que a professora Dra. Ana Cláudia Assunção, experienciando com pigmentos minerais, que possui um grupo de pesquisa e experimentação de materiais

e técnica de pintura denominado Ateliê de Pintura no Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri – URCA.

Nesse encontro, pudemos conhecer o trabalho lá desenvolvido, que consiste basicamente em um processo de descoberta/produção de tintas/cores obtidos das pedras/terra encontradas na chapada do Araripe, região do cariri cearense. Assim, se percebe o quanto a professora nos ensina, assim como o pequeno agricultor, com práticas distintas o trabalho de revolver a terra, cada um a seu modo, pois enquanto ele revolve para dela “arrancar” o alimento, enxergando primeiramente os brotinhos que dali nascem, a artista professora pesquisadora “arranca” da pedra, fazendo nascer a terra e com ela florescer o alimento para a sua criação artística que, no caso são as tintas que dali podem ser fabricadas.

Desse modo, esse encontro, realizado no dia 10 de junho de 2024, fui atravessada pela gama de possibilidades que existem no universo da arte, uma vez que me vi instigada a iniciar meu processo de aprender/ensinar arte a partir de reflexões acerca da nossa prática artística enquanto docente da educação básica no componente curricular Arte, buscando na pintura a infinidade de possibilidades de criação em sala de aula.

Portanto, passar pela experiência na disciplina já mencionada traz alguns elementos que contribuem para o meu processo de formação e construção dessa pesquisa, sendo que através dos textos lidos e debatidos, visitas a locais de fomento à arte/cultura, o nosso eu anterior já não é mais o mesmo e, por essa razão é anterior.

## **DA PERCEPÇÃO A LEITURA DE IMAGENS: INTERPRETAR, PERCEBER, FOCAR E CRIAR**

Sobre percepção, é importante sinalizar que nós somos levados a querer entender, encontrar sentido nas coisas. Entretanto, ninguém percebe igual a ninguém,

ou seja, cada um de nós sentimos, vemos, enxergamos o mundo e as coisas ao nosso redor de um modo diverso e distinto dos demais. E a arte brinca com a nossa percepção. É por isso que a sala de aula de arte poderia se tornar mais um espaço de escuta que de proposição para compreendermos como as crianças e os adolescentes estão percebendo/julgando o mundo. Pois, segundo Alana Berhoz, perceber é decidir!

Trazendo essa ideia numa perspectiva de trabalho com imagens, vale afirmar que nosso foco tem relação aquilo que nos cerca, interferindo na nossa percepção; assim, podemos pensar com base no que o nosso olhar remete primeiramente, o nosso foco de visão. Percebemos/vemos/enxergamos a realidade “moldados” por crenças, concepções, visões de mundo, ou seja, por nosso universo cultural. Desse modo, a cada olhar que lançamos a uma imagem, seja ela produzida ou não, focamos em um aspecto para ler essa imagem.

Trago as discussões acerca da percepção para a nossa realidade docente, a partir do seguinte questionamento: Que elementos do universo cultural desses estudantes tem contribuído para uma percepção/leitura de imagem em sala de aula e que reverbere no processo de formação deles? Como chegam as imagens aos estudantes? Como dou mais qualidade a leitura de imagens realizada pelas crianças?

Assim, anseio-me movida por essas indagações concordando com Barbosa no sentido de entender que é necessário se apropriar dos códigos da obra de arte a fim que possamos interpretá-la, recriá-la e produzir outras imagens. Desse modo, estimular os alunos, a partir de situações desafiadoras é o primeiro passo que pode nos direcionar ao ensino e processos de criação em arte na escola.

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazerem se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. [...]” (Freire, 2022, p. 30-31). Freire nos convida, enquanto docente, e nesse caso, docente em Arte, a

pensar que o ensino não se desvincula da pesquisa, esse que imbricados, um no corpo do outro, é que me move.

A pesquisa requer de nós, seres em constante processo de transformação, esse olhar ativo para com o objeto, entrelaçando-se a ele, comungado da sua necessidade de transformação, uma vez que a necessidade que o objeto carrega em si de alterar o seu sentido é, igualmente, a necessidade do sujeito que ali opera na sua transformação.

Nessa perspectiva, trago a minha docência em Arte para pensar nessa relação sujeito-objeto de pesquisa, onde me faço e me refaço quando penso que posso atuar enquanto sujeito transformador de processos criativos em arte na escola, de modo a colaborar para que os estudantes tenham acesso ao conhecimento artístico e, conseqüentemente, a qualidade do ensino de arte possa ser cada vez mais melhorada. Pois como afirma Freire (2022), somos sujeitos da busca.

Vou buscando a minha poética nos lugares, nos espaços que ocupo e nas experiências por quais eu passo, trilhando caminhos na longa travessia; vou costurando com linhas de pensamentos e desejos que me excitam e me aquecem nesse constante tecer de lençóis que cruzam e entrecruzam. Assim sou eu, na pesquisa em arte, buscando entender como eu, enquanto professora pedagoga com formação em Pedagogia posso contribuir para a docência em arte nos anos iniciais do ensino fundamental?

Ao reportar questão problematizadora para a minha sala de aula do 5<sup>a</sup> ano B, na escola em que atuo me vejo na necessidade de me construir e reconstruir e aprendo a partir dessa escrita de si e ao mesmo tempo na fala do Wosniak em sua dissertação, que para me construir, é de fundamental importância que eu me destrua de certas crenças. Assim, vou aos poucos compreendendo que não somos artistas, pois nos construímos enquanto artistas, atravessados de história na busca por entender o sentido da arte, para aprendê-la e ensiná-la.

## DO QUE A ARTE FAZ PARTE? PARA QUE ARTE? NECESSITAMOS DE ARTE?

A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente (Fisher).

Seguimos com essa epígrafe de Ernest Fisher, retirada do livro “A necessidade da arte” na busca por compreender para que serve a arte, qual a sua necessidade no mundo contemporâneo e, para tal, me encontro em uma relação com o pensamento Ana Mae Barbosa. Ora, se Fisher nos traz a ideia de uma arte em que pretende desenvolver a capacidade que seres humanos têm tanto de conhecer quanto de mudar o mundo, e a mudança no mundo, também Barbosa comunga do pensamento de que ela (a arte) é uma ferramenta de transformação social ao passo que desperta o senso crítico e reflexivo, promovendo criatividade e expressão, e pode ser um elo de comunicação entre pessoas de diversas culturas. Segundo Barbosa, “A arte não é um luxo, mas uma necessidade. É uma forma de conhecimento, de expressão, de comunicação e de transformação. É através da arte que podemos compreender o mundo ao nosso redor, questionar as coisas e construir uma sociedade mais justa e humana.” (Barbosa, p. 17).

Além desse ato provocativo ao qual a arte nos permite, há um dado interessante apontado por Fisher quando ele afirma que a arte possui uma magia, sendo assim, magia e arte se tornam termos intrínsecos, ou seja, a magia se encontra, nesse caso, atrelada à arte. Desse modo, vamos descobrindo elementos que dão constância a essa magia.

Nesse interior vou me construindo enquanto artista professora pesquisadora que pensa a Arte na escola, buscando por meio de leituras, pensamentos, alinhamentos e reflexões melhorar a qualidade desse ensino para que as crianças e

os adolescentes possam ter acesso a arte, compreendo-a enquanto área de conhecimento e não simplesmente como uma atividade que alivia o cansaço de outros componentes curriculares. Sendo algo que nos instigue a libertação, e não ao aprisionamento, que nos faça perceber a magia que há na arte.

Durante as aulas do primeiro semestre do mestrado, em especial na disciplina EAPEAE pude de fato me encontrar com a arte, de modo significativo e reflexivo, pois a estadia em uma sala de universidade me remete a sala de aula na escola quando penso que eu, na condição de aluna, me coloco ao lado, em pé de igualdade com os estudantes com quem trabalho na escola em que leciono, a E.F.T.I. Tabelião Expedito Pereira. Os discentes, na condição de crianças esperam a atitude docente e, portanto, cabe a mim, relacionar minha busca por aprender arte, gostar de arte para que assim possa ensinar arte, pensando nas múltiplas possibilidades que a imagem, por exemplo, é capaz de nos fornecer em uma experiência prática artística e estética no ambiente escolar.

Conhecer a galeria de arte da Universidade Regional do Cariri, momento propiciado nas aulas na disciplina mencionada, não me deixa de causar encantamento com a riqueza artística presente nas práticas artísticas do artista xilógrafo Cícero Lourenço. Ele traz em seus objetos de arte a temática das histórias de assombração muito presentes na região do Cariri Cearense, o que em um texto poderia ocupar um espaço maior e não ser aberto a infinidade de interpretações que o olhar/os olhares podem realizar. Percebi a magia nos detalhes das imagens em xilo, pois traz esse olhar para as histórias narradas por povos carirenses, aguçando o nosso olhar e permeando todos os nossos sentidos quando encetamos nosso olhar para elas. Um misto de sensações, emoções advém dessa prática de ler a imagem.

Figura 2 - Fotografia xilogravuras de Cícero Lourenço



Fonte: Arquivo pessoal de Henrique Salvador, 2024.

Segundo Dewey (2010), a arte une o pensamento e instrumento de expressão. Portanto, partindo dessa ideia, vou me questionando: como uno o meu pensamento baseado no que acredito a um instrumento de expressão visual? Como me torno artista e quando sou considerada uma artista, já que estou em sala de aula exercendo a docência em arte com crianças do Ensino Fundamental – Anos Iniciais?

Percebendo primeiramente o que artista xilógrafo na sua prática artística foi capaz de realizar, ou seja, conjugar elementos da linguagem artística com o pensamento dele em torno do ideário coletivo “caricense” (termo criado para representar o Cariri Cearense).

Nesse interim, os aprendizados adquiridos no curso de mestrado e na disciplina vão se constituindo peças-chave para a minha pesquisa e também docência em Arte no ensino fundamental (anos iniciais), tendo o 5º ano B como recorte para essa investigação. Ter experiência em práticas artísticas, observar locais de fomento a arte/cultura foi fundamental para que possamos articular/mediar conhecimento e práticas estético/artísticas com os alunos que delas tanto necessitam.

## **ENSINARTE: A ARTE QUE SE APRENDE E A ARTE QUE SE ENSINA**

Problematizar conceitos para melhor compreender os espaços de nossa atuação como docente em Arte é outro aspecto que destaco para esse momento de apreciação e inquietação.

Assim, aprendemos, por exemplo com a obra “A ideia de cultura” do autor Terry Eagleton (2011) que há uma gama de significações para esse termo, ou seja, não há um único conceito de cultura, pois seu próprio conceito, a ideia de cultura depende muito da visão de mundo que cada um possui. Há diferentes sociedades e há diferentes modos de pensar a realidade, inclusive há crenças que questionam a existência da própria realidade. Da ideia de cultivo da terra ao cultivo do modo de viver, Terry Eagleton discute o conceito de cultura, criticando a pós-modernidade e estabelecendo uma relação entre cultura e política, de modo a pensar em como a sociedade padroniza modos de ser e de viver e o quanto certos modos são pensados a partir de uma perspectiva capitalista. (Eagleton, 2011).



Dessa maneira, vale destacar que a cultura não se restringe ao que vivemos, mas ela é também, em grande medida, aquilo para o que vivemos. As práticas artísticas são manifestações culturais, portanto vale a reflexão: elas podem indicar a finalidade da vida? Ou seja, aquilo que dar sentido a nossa existência?

O trabalho na área que envolve o conhecimento artístico e, principalmente, a prática artística se torna enriquecedor. São momentos que marcam a vida de alguns alunos, tornando inesquecíveis e que indiretamente contribuem no processo de formação integral de crianças e adolescentes que se encontram nas salas de aula.

Podemos perceber também que a arte se ensina e também se aprende. Assim, buscamos refletir sobre a própria prática pedagógica para entender como estou aprendendo e ensinando arte no contexto da educação escolar. Assim, é importante conhecer o que há, por exemplo na cidade em que a escola está contextualizada para assim perceber o que de arte o local se nutre e assim levar as práticas artístico-culturais para a escola e vice-versa.

Na minha docência, eu faço escolhas para que o ensino e a aprendizagem possam ocorrer, ou seja, elas orientam a minha prática. Somado a isso, é importante pensar na nossa prática pedagógica fundamentada e que a teoria também a partir de uma prática pedagógica.

Cunha (2023) nos convida a refletir na necessidade de pensar nos materiais da arte, a fim de que possamos imergir-se nas múltiplas possibilidades de criação que com os estudantes podem surgir. É urgente, para uma concepção de arte contemporânea, viabilizar situações através das quais se utilize das linguagens artísticas como molas propulsoras para os processos criativos/inventivos em sala de aula. Em outras palavras, mediar contextos significativos de aprendizagem e criação em arte.

Provocar essas percepções e essas criações faz parte do nosso trabalho na sala de aula, virar o mundo de ponta-cabeça, como propõe Martins quando afirma que

Os pés no ar, de ponta-cabeça, convidam-nos a apresentar, inicialmente, uma paisagem, o contexto em que me situo para problematizar os termos aluno, estudante e aspirante à docência e suas possíveis relações com os modos de ensinar e aprender, trazendo a prática da observação das produções infantis para provocar percepções sensíveis e proposições atentas aos aprendizes. Um exercício que move não só os universitários do curso de Pedagogia, mas também esta professora, girando para ver de cabeça para baixo (Martins, 2021, p. 227).

Desse modo, o pensamento de Mirian Celeste Martins em um artigo publicado na revista GEARTE, me vem com possibilidade para pensarmos a arte com crianças na sala de aula. Embora ela traga reflexões e resultados de uma prática realizada a partir da observação de desenhos de crianças por professores do curso de Pedagogia da universidade de Mackenzie, onde ela leciona, pensamos que outras linguagens para aprender arte, e com ela ensinar arte. Também trago nessa fala de Martins uma reflexão que me move mais ainda no caminhar desse processo: é que, com as crianças, observando as suas produções, também estamos aprendendo.

Portanto, assim boa parte das crianças gostam de colocar os pés virados de cabeça para baixo, assim também tenhamos essa fuga do tradicional, da prática do óbvio em sala de aula. Sejamos de fato seres da criatividade, criando poéticas com os nossos alunos e, se construindo enquanto artistas que ao mesmo tempo que pesquisamos, vivenciamos e criamos as práticas artísticas no campo da educação.

Então, um dos grandes motivos para a existência arte na educação escolar se inicia com as crianças, de modo que a elas há uma crucial necessidade de mediar práticas que as levem uma boa leitura e interpretação de imagens, tendo em vista que as crianças se encontram rodeadas de imagens, conforme assinalo na introdução desse texto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas são primeiras impressões que vou construindo em torno do que a disciplina Experiência artística e a prática de ensino de artes na escola – abordagens metodológicas, as quais me trouxeram importantes contribuições para pensar em novos modos de ver a pesquisa em arte relacionando-a ao ensino de Arte, mais especificamente à minha docência em Arte, de modo a me fazer refletir acerca das possibilidades investigativas na busca pela melhoria na qualidade do ensino de Arte.

Creio que o sentido maior de todos os processos investigativos e reflexivos que consideram a arte em sua relação com a educação é atingir os discentes da educação básica e, para que isso de fato ocorra, é extremamente necessário, iniciar pelos que se encontram em processo de formação docente.

Portanto, trago nessas rápidas considerações finais o desejo de aprender, de me perguntar, de me desconstruir de determinadas crenças pautadas em posições enraizadas quanto ao conhecimento em arte e à docência em Arte, me libertando das amarras dos conceitos prontos e acabados, buscando sempre mais, desterrando aquilo que se esconde, retirando da terra o que ela, enquanto campo fértil, pode me oferecer, trazendo sempre a ideia de que o conhecimento está em toda parte, é múltiplo.

Deixo aberto às indagações, problematizações e reverberações daqueles que, assim, como eu, anseiam por mais nutrição estética e assim se propõem a construir as suas poéticas enquanto estudantes, professores, artistas, pesquisadores, enfim seres desejosos de experiência e vivências estético artísticas.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Ensino da Arte no Brasil: Aspectos Históricos e Metodológico**. Coleção temas de Formação. V. 5. São Paulo: Cultura Acadêmica - Universidade Estadual Paulista: Núcleo de Educação a Distância, 2013.

BARBOSA, Ana Mae. *A Imagem no Ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 1988.  
CUNHA, Suzana Rangel Vieira da. **Arte/educação e cultura visual: Territórios da docência e pesquisa**. Porto Alegre, Zouk, 2023.

DEWEY. John. (trad. Vera Ribeiro; introd.: Abraham Kaplan) São Paulo, Martins Fontes, 2010.

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita. (org.) **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: a/r/tografia**. Santa Maria: EdUSFM, 2013.

EAGLETON, Terry. **A Idéia de Cultura**. Tradução Sandra Castello Branco; revisão técnica Cezar Mortari. 2ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011

HERNÁNDEZ, Fernando. *A/r/tografia como metodologia de pesquisa e pedagogia em artes: uma introdução*. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Org). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. 2ª ed. Santa Maria, Ed. UFSM, 2013.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 74ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

IABELBERG; Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

IRWIN, R. L. *A/r/tografia*. In: DIAS, B.; IRWIN, R. L. (orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 27-35.

MOREIRA, Terezinha Maria Losada. **A interpretação da imagem: subsídios para o ensino da arte**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011. ISBN: 978-85-7478-362-8.

MARTINS, Mirian Celeste. **De ponta-cabeça: descobrir percepções sensíveis pelos olhos de aspirantes a professores**. 251. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 226-252, maio/ago. 2021. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. **Didática do Ensino da Arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. **Entre a vida e a formação**: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 21, n.01, p. 369-386, abr.2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/hkW4KnyMh7Z4wzmLcnLcPmg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 12/06/2024.

PILLAR, Analise Dutra (Org). **A Educação do Olhar**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Leitura Estética**. In: Imagens que falam: Leitura de arte na escola. Porto Alegre: Mediação, 2006.